

francisca⁶³

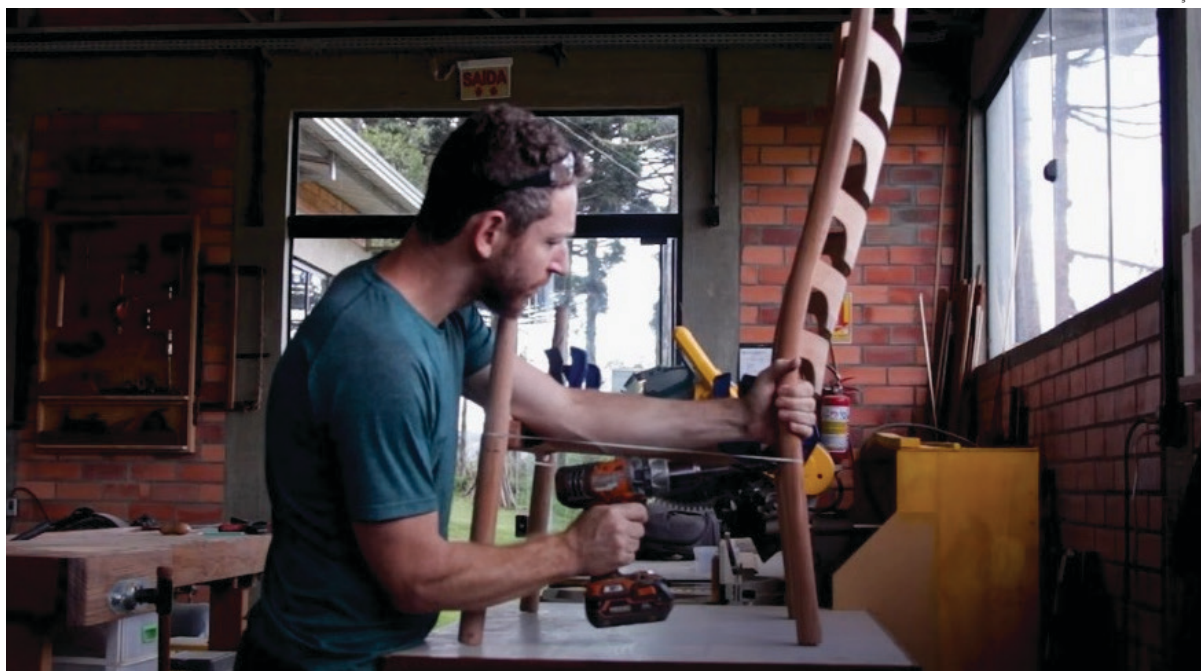
UMA NOVA MANEIRA DE LER JOINVILLE • OUTUBRO 2025

COMO SERÁ O AMANHÃ

No mês da criança, mães e pais falam sobre o desafio de preparar a nova geração para o mundo atual - e que futuro esperam quando seus filhos forem adultos

Cristiane Schmitz e
Rubens Herbst
com a filha Sophia,
10 anos: inquietações
e sonhos por concretizar





Lucas Puttini, engenheiro de profissão, dedica-se à marcenaria artesanal em Campo Alegre

Mãos (e mentes) perigosamente ociosas

Trabalhos manuais e intelectuais estão em vias de extinção?

André Cauduro D'Angelo

ESPECIAL PARA FRANCISCA

Na edição de abril de Francisca (número 57), o engenheiro aeronáutico Lucas Puttini publicou um relato interessante. Cansado da vida corporativa e frustrado com a natureza abstrata do próprio trabalho, há dez anos ele se tornou marceneiro em Campo Alegre. Desde então, como relata, passou a se sentir desafiando o corpo todo numa atividade, a se orgulhar do que produz e a desfrutar do prazer de saber-se apto a manufaturar seus próprios objetos, em vez de comprá-los prontos, num antidoto contra a dependência do consumo.

Tão logo li o texto de Puttini, lembrei-me de outros dois casos semelhantes. Um, o do PhD norte-americano Matthew Crawford, que em 2009 publicou livro em que narra a saga de trocar o emprego num centro de pesquisas pelo de mecânico de motocicletas antigas, atividade na qual encontrou a verdadeira realização – valendo-se de argumentos semelhantes aos do catarinense, aliás. E o do falecido publicitário brasileiro Alex Periscinoto (1925-2021), que, em suas memórias, reconhecia sentir um vazio nos dias fora do escritório, sentimento combatido com a montagem de uma pequena marcenaria dentro de casa, onde confeccionou, durante anos, patos e cavalos de madeira, os quais presenteava a amigos.

Das propriedades terapêuticas do trabalho manual, já se ouviu falar. Tanto que volta e meia surge uma trend nas redes sociais de jovens dedicados ao crochê, tricô, livros de colorir e coisas assim. Mas de sua importância coletiva, para a sanidade de uma sociedade como um todo, não. E é aí que o “Manifesto Artesão” publicado em Francisca, ao lado dos outros exemplos mencionados acima, ganham outra dimensão.

Segundo a neurocientista Kelly Lambert, “nosso estilo de vida contemporâneo, cômodo (...), pode estar contribuindo para o aumento dos índices de depressão”. O motivo? “Nosso cérebro é ‘programado’ para experimentar profundo senso de satisfação e bem-estar quando o esforço físico produz algo tangível,

visível e significativo na obtenção de recursos necessários para a sobrevivência” – mais ou menos como a gratificação narrada por Puttini, Crawford e Periscinoto em seus testemunhos. “Pensemos nas recompensas impulsivas pelo empenho como uma ferramenta evolutiva”, continua ela. “Mesmo que o estilo de vida tenha mudado radicalmente, retivemos a necessidade inata” de conquistá-las pelo esforço.

Ócio criativo

Trata-se de uma conclusão curiosa e preocupante. Curiosa porque todo o emprego de engenho humano, ao longo da História, esteve voltado a tornar as tarefas diárias menos custosas e braçais, libertando corpos, mentes e espíritos para ocupações tidas como mais nobres e “humanas”, sempre ligadas ao desenvolvimento intelectual e emocional. Quem não lembra da teoria do ócio criativo de Domenico de Masi (1938-2023), por exemplo? Ou, na mesma época, da aurora do chamado capital intelectual, exaltada pelo jornalista econômico Thomas Stewart? Uma sociedade como a imaginada por ambos só seria possível se o trabalho doméstico e os muitos ofícios práticos de que dependem escritórios, fábricas e outros estabelecimentos pudessem ser mecanizados ao extremo ou tornados dispensáveis por algum milagre. E isso, apesar de aparentemente desejável, não nos tornaria mais felizes.

Preocupante porque, se a hipótese de Lambert estiver correta, está-se em um caminho sem volta e em vias de ampliação. Afinal, seu artigo tem quase 20 anos e não contempla uma evolução tecnológica que, hoje, ameaça até mesmo o contentamento derivado de empreitadas criativas e intelectuais. Com o avanço da Inteligência Artificial (IA), sintetizar grandes volumes de conteúdo, redigir textos técnicos ou elaborar imagens artísticas pode ser terceirizado para um computador – deixando não apenas corpos ociosos, mas cérebros também. E com um agravante: se a “solução” apontada para reverter o declínio das habilidades manuais seria reinseri-las nos currículos escolares, a de tentar reforçar estímulos intelectuais no dia a dia de crianças e adolescentes se mostra fadada ao fracasso, pois a IA já é amplamente uti-

lizada em colégios e universidades.

E não por acaso. Embora nos sintamos sem valor quando ociosos, colocar a imaginação e a inteligência para produzir algo que uma máquina faria igual ou melhor (e mais rapidamente) tende a ser desestimulante, tanto quanto costurar suéteres, preparar um almoço ou construir móveis que poderiam ser comprados em questão de minutos. Tem de haver algum prazer intrínseco em certos afazeres a ponto de nos mobilizarmos de maneira contínua, permanente, e não apenas esporádica, a título de hobby. “Como as pessoas descobrirão seus talentos, ou as recompensas advindas da expertise, se não veem muito incentivo em desenvolvê-los?”, pergunta-se o jornalista Derek Thomson.

Pois é – desse problema, pelo menos, Lucas Puttini escapou.



André Cauduro
D'Angelo é professor
da PUC-RS; andre@
andredangelo.com.br



**Volpato** 30 ANOS
GRÁFICA INTEGRADA
"Do Papel à Embalagem"

design MANUAIS COLABORAÇÃO CMYK simplicidade
soluções gráficas ISO 14001 arte EMBALAGENS
CATÁLOGOS 30 ANOS CONFIANÇA gestão
gramatura tinta papel BULAS acabamento
excelência FSC IMPRESSORA qualidade ISO 9001

47 3025-6353 • 47 99190-7400 • comercial@graficavolpato.com.br

85^a Festa das Flores Joinville · 2025

A BELEZA DA TRADIÇÃO SE RENOVA A CADA EDIÇÃO

De geração em geração, Joinville celebra sua história através da delicadeza das flores.

Tradição e renovação se encontram em cada detalhe: das orquídeas premiadas aos jardins encantadores, das oficinas de cultivo às atrações culturais e gastronômicas.

Um evento para todas as idades, que preserva o encanto do passado e floresce nas novas gerações.

Alzira Quandt
Associada da AJAO

Cassiano Turassi
Associado da AJAO

18 a 23 de novembro
Expoville | festadasflores.com.br

REALIZAÇÃO



Prefeitura de
Joinville

CULTURA E
TURISMO